

A
PRIMEIRA
FILHA

Amy Harmon

Tradução de

N.C.A.Gutierrez

em Dez. 2022

PRÓLOGO

ELES NÃO DEVERIAM TER ESCALADO POR TANTO TEMPO, mas haviam sido convencidos de que, se chegassem ao topo de Shinway, seriam capazes de olhar além do mar por toda a distância até Eastlandia. Eles achavam que poderiam encontrar as velas de seu pai, as velas que todos os guerreiros de Dolphys usavam, retornando de pilhagens em costas distantes. O pai deles sempre lhes trazia algo, mesmo que, com freqüência, não era o que nenhum deles queria. Deu espadas a Dagmar quando ele preferiria ter pergaminhos. Trouxe à Desdemona bugigangas quando ela tão logo gostaria de um pouco de corda ou de uma boa armadilha. Ainda assim, eles cuidavam dele, esperavam por ele, e haviam escalado alto demais.

— Vai chover, Des. — preocupou-se Dagmar — A neblina cobriu a água e não vamos ver o papai, mesmo que ele já esteja quase na praia.

Desdemona fechou a cara e continuou andando, subindo o caminho rochoso como os bodes que eles mantinham, e aos quais deveriam estar retornando. Se o pai deles estiver voltando, vai se perguntar sobre a cabana vazia e os animais famintos, a vaca que não foi ordenhada, e a madeira que não foi coletada. Eles saíram ao amanhecer e já era meio-dia, ainda que as densas nuvens e a iluminação acinzentada fizessem parecer bem mais tarde. Eles haviam brincado ao longo do caminho, coletando tesouros apenas para descartá-los por novos achados. Pararam para comer frutinhas e escalaram um carvalho alto, que os havia atraído com

galhos baixos e convidativos. Agora estava ficando tarde e eles já se ausentaram por tempo demais.

— Ele não vai voltar hoje. — disse Desdemona, indiferente. — Ontem, a velha Hilde perguntou ao mar, que deu a ela cinco conchas empilhadas na areia. Ela disse que serão mais cinco dias até o retorno dos guerreiros.

A senhora Dunhilde estava a cargo dos cuidados deles enquanto o pai estivesse ausente, mas ela era lenta e trôpega, e Dagmar costumava sentir que cuidava dela mais do que ela cuidava deles. Mas Hilde raramente errava sobre essas coisas.

Dagmar parou de andar.

— Então por que insistiu em escalarmos até o topo? — perguntou, exasperado.

— Eu estava cansada da cabana. — disse Desdemona, levantando os ombros. Ela lhe lançou um sorriso travesso e puxou sua mão.

— Precisamos voltar, Desdemona. — exigiu Dagmar — Tem uma tempestade chegando e nós seremos pegos na encosta. — sua irmã mais nova vivia colocando-os em problemas e nunca escutava.

— Não se preocupe, Dag. Eu protejo você. — ela o assegurou, tirando sua longa lâmina da bainha de couro em sua cintura. Ela lançou-a com as duas mãos sobre o modesto pinheiro bem no caminho deles.

— Peguei ele! — gritou ela, correndo em direção à árvore, e Dagmar percebeu que ela não estava mirando no tronco.

Um coelho cinza, com a faca de Desdemona presa em suas costas, saltitou para longe e desapareceu entre as rochas na base do mais alto despenhadeiro. Os três penhascos de Shinway estavam dispostos como imensos degraus, um sobre o outro, e eram tão pedregosos e lisos quanto as colinas ao redor eram verdes e onduladas. Eles não dispunham de nada além de uma vista espetacular e uma longa escalada, e o povo de Dolphys raramente fazia a jornada até o topo. O tempo era muito curto e a vida muito dura para viagens desnecessárias.

— Venha logo, Dag. — Desdemona chamou sobre o ombro, prendendo a saia no cinto em sua cintura para mantê-la fora do caminho enquanto ela dava início à perseguição. Ela escorregou uma vez e se viu

num rochedo irregular, mas levantou-se logo em seguida, arrastando-se atrás de sua gorda presa, que estava sangrando, mas não havia sido abatida.

— Ele foi lá pra dentro. — Desdemona ofegou, ao que Dagmar a alcançava, e apontou para uma cavidade escondida entre as duas primeiras saliências.

— E ele está com a sua faca. — Dagmar completou, embora soubesse que o coelho ficaria feliz em se livrar dela.

A caverna não era visível do caminho estreito, e uma cortina de hera, espalhando-se de uma altura à oura, obscurecia a entrada.

— Deixe-me ver suas mãos. — ordenou Dagmar.

Desdemona levantou as palmas, impaciente. Ambas estavam arranhadas e sangrando de sua queda.

— O sangramento vai parar. — insistiu ela — Elas só ardem um pouquinho. Eu vou entrar. Quero minha faca e aquele coelho. Ele vai dar um belo ensopado e um par de sapatos.

Dagmar nem se preocupou em protestar. A caverna estaria um breu, ela não iria muito longe. Ele estudou os penhascos que ainda se elevavam acima deles e considerou a distância que já haviam percorrido. Abaixo, à esquerda, estendia-se o mar, mesmo que a névoa cobrisse a água e o vento fundia-se às ondas, abafando seus sons e cobrindo suas praias. Mas ele sabia que estava lá.

Atrás dele, o vale de Dolphys se estendia em contumaz esplendor, a linha prateada do rio Mogda serpenteando por ele, dando a volta por cabanas e lares que, dessa altura, não pareciam maiores do que pedaços de conchas espalhados pela areia. Colinas, pirâmides corcundas e disformes em verde marcavam o vale, separando uma comunidade da outra. Havia várias dessas colinas em Dolphys. As pessoas as chamavam de gigantes adormecidos, ainda que se parecessem mais com enormes rãs sonolentas.

— Está escuro aqui. — Desdemona chamou da boca da caverna, e Dagmar levantou o rosto para os céus.

Nuvens tão escuras e sinistras quanto o temperamento de seu pai agitavam-se no alto, deixando o mundo ao seu redor da cor da chuva. Ele

suspirou e começou a procurar por algo para queimar. Seria tolice descer a montanha debaixo de um aguaceiro, e a caverna seria um bom lugar para passar as próximas horas, mas eles precisariam de fogo.

Um pinheiro caído, seus galhos rachados e frágeis, seria lenha suficiente. Ele cortou alguns ramos com a machadinha que usava em sua cintura e os carregou pelo caminho estreito até a abertura na rocha. Ele teve que se abaixar para entrar, Desdemona segurou as plantas de lado para que ele pudesse trazer os gravetos atrás de si, mas uma vez lá dentro, pôde levantar-se a toda sua altura. Não dava pra ver nada além de alguns palmos, mas o espaço parecia tão vasto e inexplorado quanto o céu noturno.

— Precisamos de luz. Use o meu machado para cortar um pouco dessas plantas e tente não cortar fora os seus dedões. — ordenou ele. Desdemona era uma caçadora habilidosa, mas era também desajeitada à maneira dos convencidos e distraía-se facilmente. Ela o obedeceu com um resmungo obrigatório, podando as gavinhas em maços, permitindo que a tépida luz entrasse na caverna.

Não demorou muito para que Dagmar conseguisse uma chama, ainda que o estalo do martelo de Thor e a torrente resultante que agora açoitava as escarpas ameaçavam uma estada mais longa do que duraria o seu fogo. Desdemona agachou-se perto e amarrou vários ramos juntos com as gavinhas espinhentas que ela cortou, criando uma tocha para si mesma. Ela fez uma para Dagmar também, mas estava impaciente demais para esperar por ele e saiu na caçada ao coelho sozinha.

Dagmar continuou a cuidar da fogueira, notando que a fumaça dos galhos não se acumulava, mas subia, afastava-se para alturas e lugares que ele não conseguia ver. Havia uma abertura em algum lugar acima dele, estava certo disso, mas abandonou esses pensamentos quando Desdemona o chamou, sua voz indefinível e distante, como se ela também houvesse subido com a fumaça. Ele não conseguia vê-la, mas um brilho róseo manchava uma parte do escuro, e ele andou até lá, a tocha que ela lhe fez em suas mãos. Túneis ramificavam-se da seção principal, passagens da altura de um homem que desapareciam para lugares que ele jamais exploraria, e Dagmar manteve as costas para o fogo que

acendeu enquanto seus olhos apegavam-se ao brilho da luz à frente. Desdemona havia ido muito mais longe do que ele jamais iria sozinho, e ele engoliu palavras mordazes quando finalmente a alcançou.

Emoldurada pela abertura arqueada de uma cavidade separada, Desdemona permanecia de frente para a parede, sua tocha levantada para iluminar algo na pedra. Conforme ele se aproximava, ela virou devagar, jogando luz em uma parte da parede por vez. As sombras pareciam respirar ao seu redor, se expandindo e desaparecendo conforme ela se movia, e Dagmar notou as dimensões do espaço. Era mais uma câmara do que uma caverna, as rochas circundando-os como o domo do templo que ele havia visto apenas uma vez.

— O que são essas coisas? — Desdemona perguntou quando ele parou logo depois da entrada. Ele copiou seu movimento, levantando sua fraca tocha para ver por si mesmo.

Ele deu três lentas voltas em torno do perímetro antes de respondê-la, sua voz silenciosa, seu coração, estrondoso. A câmara estava repleta de figuras, centenas delas, talhadas na rocha. Círculos e obeliscos, olhos e ângulos, uma linguagem de imagens e desenhos que Dagmar não conseguia decifrar, mas reconhecia mesmo assim.

— São... runas. — Dagmar sussurrou, os finos pelos em sua nuca e braços se eriçando em reverência.

— Eu achava que as únicas runas estivessem no Templo de Saylok. Achava que elas eram protegidas pelos guardiões. — murmurou Desdemona.

Não havia medo em seu rosto, e sua voz ecoou a empolgação que havia no coração do próprio Dagmar. Ele era sensato o suficiente para temer, e temia o suficiente por ambos. Mas não temia o suficiente para ir embora. O trovão ressoou, abalando a montanha acima deles. As reverberações fizeram a cavidade vibrar.

— O que acha que significam? São histórias? — perguntou Desdemona.

— Algumas delas. Olhe, vai reconhecer estas. — ele disse, apontando para as figuras mais próximas da entrada. Era como se as runas começassem com elas.

— É uma lenda dos deuses. — disse, orgulhosa de si. — Tem o Pai Saylok, — indicou Desdemona — e Adyar, a águia, Berne, o urso, Dolphys, o lobo, Ebba, o javali, Joran, o cavalo, e Leok, o leão.

A representação nas gravuras era excepcionalmente detalhada. O deus, Saylok, filho de Odin e pai da terra deles, estava no centro de uma estrela de seis pontas, suas crias animais eqüidistantes dele, cada uma ocupando uma seção da estrela.

Dagmar tocou a ponta mais alta e passou para a direita, dizendo o nome dos clãs, Adyar, Berne, Dolphys, Ebba, Joran, e Leok, conforme seus dedos pairavam sobre cada um.

— É assim que a nossa terra deve parecer vista do céu.

Desdemona, encorajada pelo ato dele, levantou a mão e pressionou sua palma sobre a runa bem à sua frente, seus olhos brilharam em curiosidade nas trêmulas sombras.

— Essa runa tem asas, Dagmar. — ela se maravilhou, as linhas abraçando seus dedos conforme ela as traçava.

O ressoar do trovão distante mudou, aumentando de tom até que o zumbido se tornou uma centena de sussurros. O bater de asas encheu a caverna, como se o vento lá fora estivesse fugindo da chuva.

Desdemona tirou a mão da figura, mas era tarde demais. De algum lugar acima deles, uma legião de asas desceu, rodopiando pela câmara, atingindo as paredes, brigando por espaço, emaranhando-se no cabelo de Desdemona e puxando as roupas de Dagmar. Suas tochas foram derrubadas conforme eles golpeavam ferozmente contra corpos que se contorciam e finíssimas asas. Gritos abafados explodiram de suas gargantas ao que eles enterraram os rostos um no outro, escondendo-se da revoada.

Tão rápido quanto chegaram, os morcegos encontraram a abertura na câmara e apressaram-se em sair, o silvo e sibilo de seus vôos ecoando mesmo após terem partido. Por um momento, as crianças aconchegaram-se juntas, as mãos movendo-se sobre seus membros e roupas frouxas, procurando por invasores escondidos.

As tochas queimavam, duas pequenas chamas no chão da caverna, e Dagmar inclinou-se para pegá-las, aliviado que ele e sua irmã não teriam

que achar o caminho de volta no escuro. Ele estremeceu violentamente e sacudiu as roupas mais uma vez, mas Desdemona já havia superado, tocha em mãos, seu medo tão transitório quanto os morcegos.

— Aquela runa tinha asas, mas essa tem uma chama. Talvez seja uma runa de fogo. — ela refletiu.

— Não! — Dagmar gritou, e o som chicoteou e chacoalhou as paredes em um coro de negação, mas o entalhe que Desdemona acariciou ganhou vida em forma de uma chama, as linhas do símbolo brilhando como carvão quente.

Dagmar praguejou, deixando cair sua tocha de novo. Ele tirou o casaco dos ombros para que pudesse extinguir o fogo que se alastrava sobre a parede.

— Está maluca? Você não pode tocar nas runas! — ele berrou, batendo nas chamas. Seu casaco ficaria chamuscado. Ele já fedia a morcegos. A runa lampejou conforme o fogo foi apagado, e Dagmar deu um passo para trás, arfando, esperando pela próxima calamidade.

— Porque eu não posso tocá-las? Você toucou. — Desdemona resmungou, mas ela abaixou-se para pegar a tocha dele, reprimida.

E Dagmar percebeu que ele havia.

Ele havia tocado as paredes primeiro.

Ele havia traçado a estrela de Saylok e nada aconteceu.

— Talvez... algumas delas sejam só histórias. — ele propôs, sentindo-se estranhamente vazio.

— Então toque a runa de fogo. — desafiou Desdemona — Minha tocha apagou.

Ele hesitou, sabendo que era um tolo e que Desdemona o estava atormentando. Mas ele não podia resistir.

Ele esperava por calor e recebeu apenas o beijo frio da pedra, as ranhuras fazendo cócegas nas pontas de seus dedos. Ele pressionou com mais força, desejando que a runa ganhasse vida, querendo o poder que sua irmã havia manejado tão facilmente. De repente, com grande desespero, ele queria chamar por asas e fogo, mesmo que isso significasse que os morcegos o levariam pra longe e a caverna irrompesse em chamas.

Mas a runa o negou.

— Talvez eu tenha o sangue das runas. — Desdemona admirou-se, sem notar o desapontamento dele. — Como os guardiões.

— Sangue das runas e nenhum juízo. — Dagmar disse, sorrindo para ela para afastar a alfinetada em suas palavras, a alfinetada em seu peito. Ele sempre havia sonhado em ser um Guardiã de Saylok.

Ele parou, uma idéia se formando.

— Tem... sangue... nos seus dedos. — disse ele — Você traçou as runas com sangue. Hilde diz que os guardiões usam sangue para dar poder às runas.

Desdemona levou os dedos à luz. Sangue manchava as pontas e enchia as fendas.

— Eu *tenho* o sangue das runas. — ela maravilhou-se, encantada.

Dagmar usou a lâmina de sua machadinha para furar o dedo, retraindo-se um pouco ao beliscão. O sangue saiu, preto à parca luz, e, sem permitir-se temer, ele traçou uma runa que continha um olho, passando o sangue pelas ranhuras que formavam a pálpebra, os cílios e a pupila. A runa parecia inofensiva o suficiente, sem asas ou chamas, nem espadas ou homens decapitados como algumas das outras.

Então ele esperou, esperançoso e apavorado, ao que pudesse ver... ou ao que *não* pudesse ver.

Então a escuridão o engoliu por completo e sua mente não mais lhe pertencia.

Imagens se formavam e se desfaziam, e a distância diminuía conforme ele elevou-se acima dos desfiladeiros. Ele estava voando a uma velocidade atordoante, planando sobre as árvores de volta à cabana em Dolphys onde vivia com sua irmã e seu pai, onde ele cuidava de cabras e alimentava porcos e lia o que quer que conseguisse encontrar, mesmo que fossem apenas rabiscos de próprio punho. Ele continuou para além de seu lar, voando acima de rios e vales, de florestas e córregos até que estivesse no monte do Templo de Saylok, sangue em suas mãos, olhos levantados para as vigas do santuário. Ele usava o manto dos guardiões, de um roxo escuro, e sua cabeça estava fria. Ele a tocou com dedos úmidos e sentiu a pele exposta de seu couro cabeludo.

O templo se desfez em um arvoredor, troncos gigantes e galhos pesados cobrindo o céu e cavando o chão sobre o qual ele se ajoelhava. Ele segurava uma mulher nos braços. Ela se parecia com as memórias que tinha de sua mãe, mas ele tinha quatro anos quando ela morreu, tão pequeno, e ele nunca a segurou assim. Era ela quem sempre o havia segurado. Seu corpo era quente, mas seus olhos eram frios, e ele chorava, tragava soluços que dilaceravam seu peito e sua garganta.

— Dagmar, pode me ouvir? — sua mãe perguntou, mas seu olhar permaneceu fixo e sua boca não se moveu.

— Dagmar! — ela gritou, e Dagmar sobressaltou-se, puxando o ar longa e profundamente para seus pulmões necessitados.

Ele respirou com tanta força que a mulher escapou de seus braços e ele foi lançado de volta por toda a distância, a paisagem movendo-se tão depressa que as cores se tornaram um borrão de verdes e azuis, luz e sombra, e ele se viu de volta na caverna, deitado de costas, seus braços e pernas estirados, sangue em suas narinas e uma pulsação atrás de seus olhos. Desdemona ajoelhou-se ao seu lado, segurando sua tocha, e ele percebeu que foi a voz dela que o chamou.

— Você me assustou. — ela sussurrou, secando as bochechas. Ela estava chorando. Ele estava chorando também. Ele se sentou cuidadosamente, e seu estômago revirou-se.

— Você caiu no chão como se tivesse morrido. — choramingou ela.

Ele tocou o galo que estava se formando atrás de sua cabeça, sob sua trança. Ele tinha cabelo novamente.

— Eu quero ir pra casa, Dagmar. Quero ser uma guerreira, não uma guardiã. — Desdemona disse, ajudando-o a se levantar.

A tocha dela já havia se extinguido, mas a dele ainda tinha vida o suficiente para guiá-los da câmara das runas de volta para a fogueira na entrada da caverna. Ele se sentia fora de seu próprio corpo, seus pés se movendo mesmo que não pudesse senti-los, sua mão segurando a de Desdemona ainda que não sentisse nada além da pedra. Pedra, pesada e fria e escura. Pedra por toda a sua volta, pedra abaixo dele, pedra em seu interior.

— A chuva parou. — Desdemona disse enquanto saíam da caverna, mas ele teria continuado a andar mesmo que a tempestade continuasse.

Levou um tempo até que ele pudesse falar, até que seus membros se aquecessem e ele sentisse que seu corpo era seu novamente. Desdemona estava quieta ao seu lado, como se ela percebesse a desorientação dele e lutasse contra a sua própria. Mas quando eles finalmente conseguiram chegar à base de Shinway, ele virou-se para ela, sua voz urgente e, no entanto, sussurrante, com medo de que até as árvores pudessem ouvir.

— Prometa que você nunca mais vai voltar àquela caverna. — implorou ele à irmã — E prometa que você nunca vai contar a ninguém onde ela está.

— Prometo. — ela disse, mas ele viu sua impaciência e sua fadiga. A experiência na caverna já havia desaparecido para ela, um sonho ruim facilmente colocado de lado. Ela o puxou, ávida pela cabana, pelo jantar, por descanso. Mas ele jamais esqueceria.

— Desdemona. — queixou-se ele — Me escute.

— Estou escutando, Dagmar. — ela o assegurou, e olhou em seus olhos.

— Aquela caverna está cheia de coisas que não devem ser encontradas. — ele cochichou, e sua voz vacilou de medo.

Desdemona assentiu, seus olhos azuis bem abertos, e pela primeira vez Dagmar percebeu o quanto ela se parecia com sua mãe.